

A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: um olhar para a rede pública de ensino

Reading and writing in basic education: a look in the public education

Francielle Dias de Souza¹

Alan Silus da Cruz Silva¹

Resumo: Um dos grandes obstáculos encontrados pelos professores de língua portuguesa, atualmente, refere-se à aprendizagem, visto que a maioria dos estudantes apresenta grandes dificuldades interpretativas, as quais surgiram gradativamente ao longo dos anos da vida estudantil. A maioria dos alunos nunca leu uma obra literária, não tem base argumentativa e não consegue transcrever suas respostas e concepções para o papel. Tendo em vista todo esse cenário preocupante, esse trabalho tem como objetivo ilustrar como pequenas atitudes podem transformar aulas monótonas e pouco produtivas em aulas dinâmicas e promissoras, potencializando, assim, o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Textos. Literatura. Leitura. Interpretação. Escrita.

Abstract: One of the problems that Portuguese teachers have refers to learning, since the vast majority of students has major interpretive difficulties which gradually emerged over the years of student life. Most students have never read a literary book; they do not have an argumentative basis and can not transcribe their answers and ideas to paper. In view of this entire worrying scenario, this paper aims to illustrate how small actions can transform dull and unproductive classes in dynamic and promising classes, enhancing thus the process of teaching and learning.

Keywords: Texts. Literature. Reading. Interpretation. Writing.

Introdução

A área de concentração deste *paper* refere-se à leitura de textos literários, informativos, instrucionais dentre outros, com as suas respectivas interpretações, utilizando, para tanto, diversos materiais gráficos e as relações existentes entre a linguagem verbal e a não verbal, observando-se as possibilidades de estruturação dentro de um determinado texto.

Atualmente, é muito raro depararmos com jovens que tenham o hábito da leitura, cuja falta afeta imensamente a capacidade interpretativa. Estes limitam-se a uma análise breve e superficial de tudo o que leem, prejudicando demasiadamente o seu desempenho, não só na disciplina de Língua Portuguesa, como também nas demais, ou seja, todas as disciplinas se alicerçam e dependem das relações estabelecidas pela língua.

Aprender a ler não é só uma das maiores experiências da vida escolar. É uma vivência única para todo ser humano. Ao dominar a leitura, abre-se a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, participar ativamente da vida social, alargar a visão de mundo do outro e de si mesmo.

No entanto, ler é um problema para muitas pessoas, cabendo à escola, em meio a tantas mudanças tecnológicas e sociais, estimular a leitura, com vistas a uma melhoria das estratégias, principalmente de compreensão (um dos principais problemas de aprendizagem, segundo os exames de avaliação nacionais e internacionais), oferecendo variados textos. Do mesmo modo, o papel de criação do hábito da leitura é extensivo à família e ao próprio aluno, no sentido de que este deve sentir a necessidade de ler e buscar na leitura maior conhecimento.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Olhares teóricos: o que dizem os pesquisadores?

O ato de ler não se dá, linearmente, como um processo contínuo. Ele é, sim, uma operação mental complexa, marcada por tensões, pois envolve ativamente a pessoa. Quem lê está em contato com quem escreveu o texto, com as ideias de uma ou de várias pessoas. E recorre às próprias ideias para conferir o que conhece sobre um assunto para criticar ou concordar com o autor.

A leitura só desperta interesse quando interage com o leitor, quando faz sentido e traz conceitos que se articulam com as informações que já se tem. Por isso, se usadas com clareza, a previsão e a inferência podem auxiliar os alunos a acionarem os seus conhecimentos prévios, como ideias, hipóteses, visão de mundo e de linguagem sobre o assunto, explorando, para tanto, todos os recursos utilizados na construção daquele determinado texto, como imagens, conceitos, ou seja, potencializando a leitura do que poderia encontrar-se nas entrelinhas.

Uma atividade de leitura deve ser bem planejada. O professor precisa pesquisar textos e preocupar-se em ter um objetivo bem definido e escolher textos à altura do repertório dos seus alunos, para que o diálogo com a leitura seja produtivo. A leitura necessita de mediação da parte do professor, permitindo um diálogo possível entre leitor e texto, como, por exemplo, ativar o conhecimento prévio dos alunos, instigando-os à formulação de perguntas sobre o texto, para aumentar as possibilidades de compreensão; ao levantamento de hipóteses e previsões sobre o texto; ao estabelecimento de previsões, com base no gênero, no título, nas ilustrações.

Com vistas ao alcance dos objetivos, muito válido é articular diferentes situações de leitura – silenciosa, coletiva, oral, individual e compartilhada – buscando-se, para isso, os textos mais adequados. Aliado a essa prática, importante é também o estímulo da turma à troca de ideias e à discussão do que foi lido. Outra prática produtora, no campo da leitura e da escrita, seria a proposição de trabalhos em que os alunos precisem ler para seguir instruções, revisar a própria escrita, praticar a leitura em voz alta e memorizar (SOLE, 1998).

Um grande problema educacional, atualmente, refere-se às dificuldades que os jovens encontram na escrita e interpretação de textos, a exemplo dos alunos das séries finais (8º Ano) do Ensino Fundamental, da Escola Estadual João Ponde de Arruda, observados para a elaboração desse trabalho. Tais alunos demonstram dificuldades na área interpretativa e discursiva, apresentando muitos erros ortográficos e até mesmo grande dificuldade na estruturação de frases. Tal fato preocupa e gera grande polêmica, pois, no dizer dos professores, eles precisam ministrar todo o conteúdo do Referencial Curricular.

A leitura é o caminho para ampliação da percepção do mundo, visto que, quanto mais se lê, mais integrado com o nosso meio se pode estar. Em um único texto, podemos encontrar os dois tipos de linguagens, tanto a verbal quanto a não verbal, fato que enriquece ainda mais a base interpretativa.

Porém, a maioria das vezes, mesmo com tanta riqueza informativa, os alunos não conseguem extrair as principais informações oferecidas pelo texto. É uma necessidade cada vez maior do mundo globalizado que os indivíduos aprendam desde cedo a compreender amplamente o seu meio e, para tanto, é necessário que desfrutem de mecanismos que desenvolvam a competência leitora.

Quando a escola oferece suporte para seus alunos, professores e pais, como acervo de livros, bibliotecas, baús de leitura entre outros benefícios como auxílio e incentivo para a leitura, o aluno consegue desenvolver melhor suas habilidades literárias e ampliar sua visão de mundo.

A leitura não se dá apenas com os livros, e sim com a observação e interação do indivíduo no seu meio social. De acordo com Lajolo (1994, p. 7),

[...] ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende em bancos da escola, outras leituras geralmente se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca como sabe quem lê *Vidas secas* de Graciliano Ramos independe da aprendizagem formal e perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

Conforme mostra a citação, a leitura não é unicamente feita na escola, visto que ela se dá de duas maneiras: uma é por meio dos livros e a outra ocorre com a prática do dia a dia. Desde seu nascimento, o indivíduo aprende a fazer leitura do meio em que está inserido. Acerca do ato de ler desde os primeiros anos de vida, Justo (2010, p. 38) assevera que “[...] a bebeteca é um espaço especialmente planejado para crianças de 0 a 3 anos em uma biblioteca pública. Lá crianças e pais têm acesso a livros e participam de atividades como a Hora do Conto, que aproxima os bebês do prazer da leitura desde muito cedo”. Acredita-se, assim, que, ouvindo e vendo alguém ler, cria-se o hábito e o gosto pela leitura.

Pode-se constatar, dessa maneira, como a leitura é de suma importância desde o nascimento, perfazendo, assim, um ciclo vital, não só dos bebês, mas também dos pais que, ao incentivarem seus filhos, acabam por fazer várias leituras, fazendo dela um hábito. Souza (1992, p. 22), ao referir-se à leitura, concorda que ela é, basicamente, “[...] o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade”.

Diante dessa afirmação, compreende-se o verdadeiro significado de leitura e percebe-se que ler não é meramente decifrar os códigos linguísticos, mas também compreendê-los de modo que eles constituam um significante. O ato de ler é bem mais que a definição da palavra propriamente dita. Ele é, sim, entender, interpretar, debater, comparar, influenciar e ser influenciado, propagar e sentir o que o escritor tenta, pela via da escrita, demonstrar o que quer, o que sabe, o que imagina. Ler as entrelinhas, do mesmo modo, visa a analisar as imagens, perceber e atribuir significado, interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

No que concerne à leitura, com vistas à aquisição do gosto por ela e a construção do hábito de ler, Elisa Meireles (2010, p. 50) entende que “[...] garantir o contato com as obras e apresentar diversos gêneros às crianças pequenas é a principal função dos professores de Educação Infantil, para desenvolver os comportamentos leitores e o gosto pela literatura desde cedo.

No dizer da autora, tudo é possível, mesmo não sabendo ler. Basta à criança um simples folhear de páginas, uma simples olhada nas ilustrações para que a imaginação aflore e dê significado ao que se vê. Esse trabalho deveria, primeiramente, ser incentivado pelo professor da Educação Infantil, ao qual caberia a seleção de livros adequados à idade de cada aluno.

No que diz respeito à leitura, principalmente entre os jovens, haveria que se considerar o que expõe Paulo Freire (1989, p. 12):

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes "leiam", num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. Em minha andariagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais "devorados" do que realmente lidos ou estudados.

Diante de tudo o que foi apresentado, pode-se perceber que, muitas vezes, a falta de leitura é consequência de uma metodologia ultrapassada adotada em sala de aula, visto que não são raras as vezes que a escola dispõe de uma biblioteca adequada, com vários gêneros literários, mas que não é suficientemente explorada. Tal fato pode ser imputado à carência de profissionais à disposição das escolas, na biblioteca, para desenvolver um trabalho especificamente no campo da leitura, ao desinteresse dos professores por motivos além da sua vontade, à necessidade de os professores cumprirem e esgotarem conteúdos programáticos entre tantos outros motivos.

Especificamente no que diz respeito ao professor regente da turma a que se refere o presente estágio, este, nota-se que incentiva muito a leitura, pois sempre inicia suas aulas com uma leitura compartilhada, seguida da interpretação. Às sextas-feiras, leva os alunos à biblioteca, como forma de estimular as práticas de leitura. Porém, mesmo com tal incentivo, os alunos apresentam certas dificuldades, conforme já citado anteriormente.

Olhares práticos: uma vivência do estágio

O estágio supervisionado foi realizado em uma sala de aula de Ensino Fundamental, cuja maior dificuldade dos alunos está na escrita, na leitura e na interpretação, sendo que muitos leem como os alunos das séries iniciais. A turma é numerosa, tendo aproximadamente de 35 a 40 alunos, porém a conversa paralela quase não ocorre, visto que o professor possui um bom domínio da sala. A turma é calma, todavia pouco interage com os conteúdos ministrados, demonstrando pouquíssimo interesse na aquisição do conhecimento.

A maioria dos alunos apresenta erros na escrita, além de demonstrar escassa base argumentativa para defender seus pontos de vista. Do mesmo modo, percebe-se um domínio interpretativo limitado. No entanto, apesar de todas essas dificuldades, não se empenham para buscar melhoras no seu percurso estudantil.

Para efetuar a regência nessa turma, procurou-se planejar aulas dinâmicas, com vistas a estimular um pouco mais os alunos, fato que ocorreu, pois eles interagiram com o conteúdo, participando ativamente, fazendo questionamentos e tentando responder às questões da professora. Verificou-se que os alunos possuíam escassos conhecimentos prévios, fato que, inicialmente, atrapalhou um pouco o andamento das aulas. Contudo, no transcorrer, esses obstáculos pedagógicos foram sendo superados.

Considerações finais

Com esse estágio, verificou-se que há grandes problemas a serem superados nas salas de aula, atualmente, os quais abrangem não só o desinteresse dos alunos pelas práticas de leitura como também as causas desse desinteresse. O próprio sistema educacional, com suas metas, acaba restringindo o trabalho do professor em sala de aula, tornando a educação mecânica e irreal, ou seja, os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem.

Parece que a capacidade cognitiva dos alunos e o raciocínio lógico não existem mais na realidade escolar. Se os alunos do 8º Ano não conseguem ler, escrever e interpretar adequadamente, também não conseguirão bom desempenho em nenhuma outra disciplina, uma vez que todas têm por base a língua portuguesa.

A maioria dos professores, quando se confronta com esse cenário, acaba perdendo até mesmo o interesse por ensinar, fato que prejudica ainda mais o processo. Poucos são os profissionais que ainda tentam incentivar a leitura em sala de aula, por isso, e mesmo assim, cabe aos professores de todas as áreas do conhecimento o incentivo dos alunos à leitura, a fim de

torná-los críticos e pensantes, e não meros robôs para a sociedade capitalista.

Referências

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

JUSTO, M. Leitura desde o berço. **Revista Pátio**, ano VIII, n. 24, p. 38-40, jul/set. 2010.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura. In: _____. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MEIRELES, E. Literatura, muito prazer. **Revista Nova Escola**, ano XXV, n. 234, p. 48-58, ago. 2010.

SOLÉ, Izabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, R. J. de. **Narrativas infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.
